

Vol 17, Núm1, jan-jun, 2024, pág.48-58.

## **Da *langue* ao discurso: reflexões metodológicas frente aos projetos de línguas do Ifam, *Campus* Humaitá**

**From *Langue* To Discourse: Methodological Reflections In Front Of Language Projects At Ifam, *Campus* Humaitá**

Daianne Severo da Silva  
Valda Inês Fontenele Pessoa

### **RESUMO**

O presente artigo, posicionado no seio das discussões do terreno linguístico, busca problematizar caminhos metodológicos fechados e com poucas possibilidades de flexibilizações. Para tanto, toma como objeto de análise as ações de projetos de pesquisa e de extensão no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, *Campus* Humaitá. Com esse propósito, dialoga com as concepções basilares dos pressupostos saussurianos e do Círculo de Bakhtin, fazendo um debate teórico-metodológico que se pretende, a partir de diálogos problematizados, construção de possibilidades nas ações de pesquisa, dando visibilidade ao ínfimo no debate metodológico.

**Palavras-chave:** Campo teórico-metodológico; Projetos de pesquisa e de extensão; Campo linguístico.

### **ABSTRACT**

This article, positioned within the discussions of the linguistic field, seeks to problematize closed methodological paths with few possibilities for flexibility. Therefore, it takes as an object of analysis the actions of research and extension projects at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Amazonas - IFAM, Campus Humaitá. For this purpose, it dialogues with the basic conceptions of the Saussurean assumptions and the Bakhtin Circle, making a theoretical-methodological debate that is intended, from problematized dialogues, to build possibilities in research actions, giving visibility to the smallest in the methodological debate.

**Keywords:** Theoretical-methodological field; Research and extension projects; Linguistic field.

### **INTRODUÇÃO**

Estudos recentes, inerentes ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, na Universidade Federal do Acre- PPGLI/UFAC, têm nos instigado a problematizar o percurso trilhado quanto às perspectivas metodológicas das nossas pesquisas, o que também têm sobremaneira contribuído para uma reflexão concernente aos caminhos percorridos no desenvolvimento de projetos de línguas no âmbito da pesquisa e da extensão no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, *Campus* Humaitá.

Desde 2014, por meio dos projetos de línguas finalizados e em curso, no âmbito do IFAM, *Campus* Humaitá, as categorias concernentes à língua, à linguagem, ao letramento e ao discurso têm atravessado as nossas práticas, nos interpelando a partir de um referencial bibliográfico que nos municia em múltiplos aspectos, principalmente no que concerne a não transparência da linguagem evidenciada nas materialidades construídas na fase das práticas de campo das pesquisas.

No desenvolver das atividades, temos visto o quão complexo e dinâmico é o exercício de pesquisar, sobretudo quando perpassa pelos aspectos metodológicos que, assim como todas as fases da pesquisa, são atravessados pelo terreno da linguagem. Em linhas gerais, os projetos vêm sendo discutidos entre os campos da literatura e da linguística, com ênfase para este último. As percepções de língua/linguagem dos sujeitos envolvidos nas atividades perpassam as ações, os escritos, as produções. Letramento, especificamente letramento em língua inglesa, tem sido discutido no sentido de problematizarmos os letramentos praticados nas escolas públicas do município de Humaitá-AM. Temos, paralelamente, trazido à baila, discussões concernentes aos discursos, que advêm das materialidades escritas, ditas ou silenciadas no decorrer das nossas ações.

As discussões inerentes aos discursos têm nos interpelado, em virtude das diferentes vertentes teóricas. É exatamente este o ponto que nos leva a problematizar os nossos atravessamentos linguísticos, constituídos por diferentes vozes, ideologias.

Porém, a partir das reflexões que vêm sendo possibilitadas nas aulas do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, na Universidade Federal do Acre-PPGLI/UFAC, outros vieses discursivos estão ampliando as possibilidades desse debate, expandindo os nossos horizontes quanto à discussão metodológica que temos praticado no IFAM, *campus* Humaitá, junto aos projetos de pesquisa e de extensão.

Nesse viés, anunciamos nossa discussão teórico-metodológica no campo linguístico. Embora não tenhamos o intento de configurar nossos trabalhos em projetos pelo viés estruturalista, registramos ser necessário navegarmos brevemente por este terreno, de forma que metodologicamente, conheçamos o delineamento da *langue*<sup>1</sup> ao discurso, considerando os pressupostos saussurianos e seus desdobramentos até o Círculo Bakhtiniano, destacando as críticas deste a àquele. Compreender a base estruturalista saussuriana, bem como o cerne do pensamento do Círculo de Bakhtin é importante para nos situarmos teoricamente no campo da

---

<sup>1</sup> Objeto da linguística estrutural – *langue*, como sistema abstrato formal (BRAIT, 2020)

linguística e, sobretudo, nos posicionarmos quanto aos caminhos que se pretendem mais coerentes às nossas concepções de pesquisadoras e pesquisadores no mundo da linguagem.

Portanto, temos como objetivo provocar inquietações a partir dos atravessamentos linguísticos que nos constitui no intento de problematizarmos as possibilidades no campo metodológico junto aos projetos desenvolvidos e em curso. Nesse contexto, para iniciarmos a discussão, problematizamos: Considerando os estudos do Círculo Bakhtiniano, em especial, quanto à obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (VOLOCHINOV/CÍRCULO DE BAKHTIN, 2021)”, quais as críticas tecidas na referida obra aos trabalhos de Saussure? Qual percurso metodológico é coerente à nossa concepção de linguagem?

De modo a contextualizarmos as nossas bases teóricas, faremos menção a duas tendências do pensamento filosófico linguístico, contemplado na obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem”, com tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, a saber: Objetivismo abstrato e subjetivismo individualista, uma vez que avaliamos ser possível identificar, no entremeio dessas tendências do pensamento filosófico linguístico, o que Bakhtin, e seu círculo de estudiosos, não incorporam da perspectiva saussuriana e por que não o fazem.

Por uma escolha metodológica, as duas tendências referentes ao pensamento filosófico linguístico, não serão apresentadas neste trabalho, na mesma ordem em que o círculo bakhtiniano o faz. Apresentaremos primeiro o objetivismo abstrato e, por conseguinte, o subjetivismo individualista, ampliando as discussões para o campo discursivo.

A partir do exposto, apontamos os postulados saussurianos, conforme a seguir:

### **A LANGUE: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.**

No desígnio de refletirmos quanto ao percurso metodológico discutido para o desenvolvimento dos projetos de pesquisa e de extensão, inerentes à língua/linguagem, desenvolvidos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, *Campus* Humaitá, conforme sinalizado anteriormente, reconhecemos a significância de discutirmos os (des) caminhos dos teóricos-metodológicos pelos quais fomos interpelados ao longo dos trabalhos.

Nessa direção, considerando a relação entre significante e significado, com base no Curso de Linguística Geral, Ferdinand Saussure preconiza que a língua pode ser localizada

“na porção determinada do circuito em que uma imagem auditiva vem associar-se a um conceito. Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la” (SAUSSURE, 2012, P. 46), o que faz um direcionamento à língua como independente se a inter-relacionarmos com os processos sociais.

Nessa discussão, problematizamos a relação estabelecida entre significante e significado nos pressupostos saussurianos. De que maneira essa relação ocorre? Com apoio no sistema estruturalista, registramos que esta relação se dá de forma indireta, uma vez que Saussure compreende o signo enquanto arbitrário, ou seja, essa relação entre significante e significado é pensada arbitrariamente por que não há motivação social nessa construção (SAUSSURE, 2012).

Diante o exposto, a *langue* é entendida enquanto sistema independente dos processos sociais. Apreende-se que a língua é considerada enquanto objeto, uma vez que não há a indicação de um sujeito que faz linguagem na discussão realizada por Saussure. Portanto, nessa perspectiva, o sujeito é reconhecido enquanto “assujeitado” para o estruturalismo, sendo então influenciado pela língua. Não é este o entendimento que pretendemos para nosso caminho metodológico frente às ações de pesquisa e de extensão.

Porém, justificamos essa prévia discussão em nosso texto por que Saussure assume que a língua “não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 2012, P. 46), o que nos permite problematizar a forma em que o sistema estruturalista propõe a independência da língua, a abstração, a sistematização.

Mas antes de tecermos a nossa crítica, registramos que o Círculo Bakhtiniano, na obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (2021)”, também tematiza língua e linguagem a partir do que preconiza Saussure:

Saussure parte da distinção de três aspectos da língua: linguagem (*langage*), língua como sistema de forma (*langue*) e o ato individual discursivo – enunciado (*parole*). A língua (no sentido do sistema de formas) e o enunciado (*parole*) são elementos que compõem a linguagem, compreendida como um conjunto de todos os fenômenos sem exceção (...) que participam na realização da atividade discursiva. De acordo com Saussure, a linguagem (*langage*) não pode ser objeto da linguística. Ela, por si só, é privada de unidade interior e de leis independentes e autônomas (...). (VOLOCHINOV/CÍRCULO DE BAKHTIN, 2021, p. 166).

Em consonância aos escritos do Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure (2012), a citação enfatiza a pauta da nossa discussão, uma vez que, é explicitada a visão clássica sobre a língua/linguagem com ideais voltados à regularidade, ao modelo abstracional. Para Saussure, portanto, “é necessário partir da língua, compreendida como um sistema de formas normativas idênticas (...)” (VOLOCHINOV/CÍRCULO DE BAKHTIN, 2021, p. 167). Mas, Saussure também enxerga ser necessário o esclarecimento de “todos os fenômenos da linguagem em relação a essas formas estáveis e autônomas (com suas leis próprias) (VOLOCHINOV/CÍRCULO DE BAKHTIN, 2021, p. 167).

Refletindo sobre os pressupostos apresentados, e relacionando-os à discussão trazida em “Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (2021), faço a ponte com o termo objetivismo abstrato explicitado na obra. Nesse contexto, o Círculo Bakhtiniano explana:

Para a segunda tendência do pensamento filosófico-linguístico é extremamente característica uma espécie de ruptura entre a história e o sistema da língua em seu corte extra-histórico ou sincrônico (para um dado momento). Do ponto de vista dos fundamentos da segunda tendência, essa ruptura dualista é absolutamente insuperável. Não pode haver nada em comum entre a lógica que rege o sistema das formas linguísticas em um dado momento e a lógica (ou mais precisamente ilógica) da mudança histórica dessas formas. São duas lógicas distintas; ou, se reconhecemos uma delas como lógica, a outra será ilógica, isto é, uma pura violação da lógica aceita. (VOLOCHINOV/CÍRCULO DE BAKHTIN, 2021, p. 158).

Conforme explicitado, a ruptura entre a história e o sistema da língua enfatiza o entendimento da *langue* como elemento independente. Apreendemos do objetivismo abstrato a abstração da linguagem, no que se refere ao contexto histórico em que esta seria utilizada. Assume-se, portanto, a negligência quanto à pluralidade de significados. E, pode-se dizer, que esta é uma consequência da objetificação, que aqui deve ser entendida por singularidade do significado da palavra.

Com o propósito de concluirmos sobre o que concerne os saberes referentes ao objetivismo abstrato, registramos os principais fundamentos dessa tendência conforme discussão bakhtiniana:

- 1) A língua é um sistema estável e imutável de formas linguísticas normativas idênticas, encontrado previamente pela consciência individual e indiscutível para ela.

- 2) As leis da língua são leis linguísticas específicas de conexão entre os sinais linguísticos dentro de um sistema linguístico fechado. Essas leis são objetivas em relação a qualquer consciência subjetiva.
- 3) As leis linguísticas específicas não possuem nada em comum com os valores ideológicos (artísticos, cognitivos e outros). Nenhum motivo ideológico é capaz de fundamentar o fenômeno da língua. Entre a palavra e a sua significação não existe uma conexão, seja ela natural e compreensível para a consciência, seja artística.
- 4) Os atos individuais da fala são, do ponto de vista da língua, apenas refrações e variações ocasionais ou simplesmente distorções das formas normativas idênticas; mas justamente esses atos de uma fala individual explicam a mutabilidade histórica de formas linguísticas, que, como tal, do ponto de vista do sistema da língua, é irracional e sem sentido. Entre o sistema da língua e sua história não existe nem conexão nem motivos em comum. Eles são alheios entre si (VOLOCHINOV/CÍRCULO DE BAKHTIN, 2021, p. 162).

De acordo com os pressupostos do objetivismo abstrato, o indivíduo aceita o sistema linguístico exatamente da mesma forma que este se coloca, em virtude de ser arbitrário, de não enxergar o sujeito como produtor e reproduzidor de enunciados. No contexto desta tendência a língua é vista como objeto, enquanto elemento do sensível, e por essa razão, é ela, a língua, quem vai influenciar o sujeito, conforme discutido anteriormente. Então, por esse viés, no campo do objetivismo abstrato, “não há uma abordagem da expressão, e conseqüentemente do problema da formação do pensamento e do psiquismo subjetivo na palavra” (VOLOCHINOV/CÍRCULO DE BAKHTIN, 2021, p. 164), uma das principais questões discutidas nesta segunda tendência.

A partir da discussão arrolada até o momento, se torna evidente que Saussure não rompe com a ideia de maquinaria fechada ao pensar a língua, do mesmo modo que não há a inserção do sujeito nessa perspectiva enquanto signica estruturalista. Contudo, voltemos a um ponto: Conforme o exposto, vimos que o signo é entendido como arbitrário no sistema estrutural. Porém, onde as convenções são estabelecidas? Se Saussure nos informa que a língua existe por que há “ uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 2012, P. 46), não nos possibilita trazer o social para essa discussão? Se o signo é compreendido enquanto arbitrário, essa arbitrariedade já não pode ser traduzida enquanto fator social?

A partir desses questionamentos, que já direcionam o nosso olhar metodológico, seguiremos a nossa discussão inserindo as críticas bakhtinianas quanto ao formato sistematizado de língua, conforme reflexões a seguir:

## O DISCURSO: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.

A primeira tendência do pensamento filosófico linguístico, o subjetivismo individualista, que “analisa o ato discursivo individual e criativo como fundamento da língua (ou seja, todos os fenômenos linguísticos sem exceção) (VOLOCHINOV/CÍRCULO DE BAKHTIN, 2021, p. 148), e ascende e ganha amplitude quanto à compreensão de seus ideais na escola de Vossler<sup>2</sup>, embora sinalize uma despretensão ao positivismo, entende o ato discursivo como individual. Mas é possível reconhecermos o ato discursivo como um fenômeno individual? Como ignorar a natureza social dos enunciados?

Municipiadas no Círculo Bakhtiniano, em reflexão aos questionamentos anteriores, registramos que “o centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo” (VOLOCHINOV/CÍRCULO DE BAKHTIN, 2021, p. 151).

A discussão saussuriana realizada, especialmente as críticas sinalizadas, nos apresentaram pistas de como podemos percorrer nosso terreno metodológico, a partir de uma motivação social. Para tanto, não faz sentido para o desenvolvimento dos nossos projetos, considerarmos ruptura entre língua e ideologia, conforme prega o objetivismo abstrato. “A língua no processo de sua realização não pode ser separada do seu conteúdo ideológico ou cotidiano” (VOLOCHINOV/CÍRCULO DE BAKHTIN, 2021, p. 181).

Para além dessa questão, em diálogo com o campo metodológico que pretendemos, o sentido não está no significado, está no interlocutor. O sentido terá um significado para cada um, que como compreendemos, é construído socialmente, e gera, como também provoca, efeitos de sentido. Mas nós temos o controle dessa apropriação? Pelo viés bakhtiniano, essa é uma questão que irá se dá pelo diálogo.

Mas ainda na direção ao uso da palavra, nas discussões do Círculo de Bakhtin, evidencia-se mais uma crítica ao postulado saussuriano discutido, ao mencionar que “os diferentes contextos de uso de uma palavra são compreendidos como se estivessem posicionados no mesmo plano. É como se os contextos formassem uma série de enunciados fechados e autônomos, orientados para a mesma direção” (VOLOCHINOV/CÍRCULO DE

---

<sup>2</sup> “A escola de Vossler é indiscutivelmente uma das mais poderosas tendências do pensamento filosófico-linguístico atual. A contribuição positiva e especial dos seus seguidores para a linguística é também de grande peso (...) – Leo Spitzer, Lorck, Lerch e assim por diante” (VOLOCHINOV/CÍRCULO DE BAKHTIN, 2021, p. 151).

BAKHTIN, 2021, p. 197). Em resposta à essa ideia saussuriana, o círculo bakhtiniano, em discordância, menciona:

Os contextos de uso de uma mesma palavra frequentemente são opostos entre si. O caso clássico dessa oposição entre os contextos de uma mesma palavra são as réplicas de um diálogo. Nesse caso, a mesma palavra aparece em dois contextos em colisão. É claro, as réplicas de um diálogo representam apenas o caso mais claro e evidente dos contextos multidirecionais. Na verdade, qualquer enunciado real, em um grau maior ou menor e de um modo ou de outro, concorda com algo ou nega algo. Os contextos não se encontram lado a lado, como se não percebem um ao outro, mas estão em estado de interação e embate tenso e ininterrupto. (VOLOCHINOV/CÍRCULO DE BAKHTIN, 2021, p. 197).

Nessa direção, preconizamos o fato de que Bakhtin e seu Círculo não consideram o sistema independente, e por essa razão, questionam a *langue*, uma vez que o que está em jogo nos pressupostos bakhtinianos é o discurso. E, talvez, nesta discussão, seja possível justificar, ainda que parcialmente, o porquê dos pressupostos bakhtinianos não incorporarem o que se pretende os postulados saussurianos, em destaque, à perspectiva de *signo*, no que se refere à sua destituição quanto à forma de apresentação.

Porém, abrimos um espaço para dizermos que não é nossa intenção afirmar que o Círculo de Bakhtin se desvincula da ideia de *signo* discutida por Saussure, mas fragmenta seus ideais no que tange ao modo de compreensão das formas de representação advindas dos postulados saussurianos.

Antes de concluirmos esse ponto de discussão, em consonância aos preceitos metodológicos que acreditamos ser coerentes com o que se propõe neste trabalho, é imprescindível aos estudos das categorias pretendidas nos projetos de línguas, citadas inicialmente, que, metodologicamente, nossa fundamentação se constitua a partir dos construtos:

Formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; Formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (VOLOCHINOV/CÍRCULO DE BAKHTIN, 2021, p. 220).

Em diálogo ao que sugerimos metodologicamente, justificamos nossa discussão ao concluirmos, com Bakhtin, que “a língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes (VOLOCHINOV/CÍRCULO DE

BAKHTIN, 2021, p. 224). O linguístico, em nossas análises, deve estar intrinsecamente ligado aos sentidos, bem como aos valores ideológicos, uma vez que por estes é constituído ((VOLOCHINOV/CÍRCULO DE BAKHTIN, 2021).

Diferentemente do que vimos pelos caminhos de Saussure, o Círculo de Bakhtin nos traz uma perspectiva metodológica a partir da perspectiva de sujeito. Nessa construção, o sistema não é independente, e a *langue* será questionada. Nessa visão, o círculo considera signo enquanto ideológico por que há motivação social. Nesse ponto, relacionamos os projetos de línguas desenvolvidos no IFAM Campus Humaitá, por trabalharem sobretudo com a linguagem que é inter-relacionada ao social. Nessa perspectiva, as temáticas trabalhadas são construídas por diferentes vozes, comportando a ideia de que “o sujeito sabe do outro o que ele não pode saber de si mesmo, ao tempo em que depende do outro para saber o que ele mesmo não pode saber de si” (SOBRAL, 2020 *apud* BRAIT, 2020, 24).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é nosso intento esgotar as possibilidades de diálogo envolvendo os pressupostos teórico-metodológicos referentes a constructos linguísticos junto a práticas de projetos de línguas, até mesmo por que se assim o fosse, não o alcançaríamos. Temos uma infinidade de questões que precisam ser problematizadas.

Nossas construções se deram no sentido de apresentarmos nossas inquietações quanto ao difícil exercício de traçar um caminho na pesquisa. No campo de discussão linguística, apresentamos pressupostos tradicionais, outros mais contemporâneos, não com o desejo de escolhas nesse sentido, muito menos de hierarquização de conhecimentos, mas de constituirmos problemas para o nosso percurso metodológico, dar visibilidade aos nossos objetos.

Contudo, temos a convicção de que apenas introduzimos essa reflexão, com o intento de termos uma metodologia como ponto de partida ao nosso caminhar, um olhar criterioso às nossas escolhas, sempre nos questionando por que as escolhas foram estas? Não poderiam ser outras? Da mesma forma que uma única forma de “ensinar” não é a salvação para o processo de ensino-aprendizagem, não há apenas um método eficaz a ponto de nos mostrar o caminho a ser percorrido na nossa jornada de pesquisadoras e pesquisadores.

Para concluirmos, o fato de arrolarmos nossas discussões teórico-metodológicas no seio de pressupostos linguísticos saussurianos e bakhtinianos, não foi com a intenção de

afirmar que há uma teoria mais importante que a outra, e sim dizer que para as estudiosas e estudiosos da linguagem, é importante conhecer as filiações teóricas, no intento de compreender os caminhos pelos quais a linguística vem sendo atravessada. Conhecer, ainda que não se faça o uso de determinadas teorias para as discussões/escritos acadêmicos, é necessário, por que precisamos saber os motivos pelos quais determinadas concepções linguísticas, por exemplo, não nos servem.

Mas, como defende Veiga Neto (2004) na discussão quanto aos saberes e práticas pedagógicas, enquanto construções históricas, temos o interesse que no campo metodológico também ocorra uma ruptura quanto à compreensão e à prática. E, da mesma forma em que se desenha a desnaturalização da pedagogia, também pretendemos nosso terreno metodológico de forma não naturalizada, não biológica, no intento de ressignificar o nosso olhar, não o deixando aprisionar outras perspectivas.

## REFERÊNCIAS

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Cultrix. São Paulo, 2012.

SOBRAL, Adail. Ato/Atividade e Evento. *In*: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 11-36.

VEIGA-NETO, Alfredo. Algumas raízes da pedagogia moderna. *In*: ZORZO, Cacilda; SILVA, Lauraci D. & POLENZ, Tamara (org.) **Pedagogia em conexão**. Canoas: Editora da ULBRA, 2004, p. 65-83. ISBN: 857528104-6.

VOLOCHINOV, Valentin (Bakhtin). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

**Recebido** : 09 de fevereiro de 2023.

**Aprovado**: xxxxx de novembro de 2023.

**Publicado**: 1 de janeiro de 2024.

## **Autoria:**

### **Autor 1: Daianne Severo da Silva**

Professora de Língua Inglesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, *Campus* Humaitá. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade – PPGLI da Universidade Federal do Acre – UFAC

Instituição: IFAM

E-mail: [daianne.severo@ifam.edu.br](mailto:daianne.severo@ifam.edu.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7058-4860>

País: Brasil

### **Autor 2: Valda Inês Fontenele Pessoa**

Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade – PPGLI da Universidade Federal do Acre - UFAC. Doutora em Educação: Currículo

Instituição: UFAC

E-mail: [PUC/SP.valdainesfontenele@gmail.com](mailto:PUC/SP.valdainesfontenele@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0276-0949>

País: Brasil